

“A diferença poderá ser negociada”

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — “A diferença é negociável”, concluiu uma fonte brasileira, em Washington, confirmando que tanto o presidente do comitê assessor dos bancos credores, William Rhodes, como o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, prevêem a conclusão de um acordo em três semanas.

“Nós queremos um número acima de seis (bilhões de dólares). E os credores estão pensando num número acima de cinco. Não há nada disparatado. Temos que ver ainda, por exemplo, se o benefício **spread** já está incluindo a diminuição do ou não — e ele deverá alcançar o total de US\$ 600 milhões”, acrescentou a mesma fonte, falando ao *Estado* antes que no Brasil, na tarde de ontem, o ministro Mailson da Nóbrega revelasse oficialmente os detalhes da proposta levada pelo presidente do Banco Central, Fernando Milliet, após uma nova rodada de quase cinco meses de negociações em Nova York.

Os números da proposta que circularam antes produziram uma reação negativa entre algumas pessoas muito próximas às negociações. Por estes números antecipados o Brasil estaria pedindo US\$ 11,5 bilhões e os credores só chegariam a US\$ 4,5 a 5 bilhões, para o período de 1º de janeiro de 1987 a 30 de junho de 1989, incluindo os US\$ 3,08 bilhões obtidos no final de dezembro, com a conclusão do pacote provisório. Um banqueiro internacional previa, então, que esta era “uma proposta de briga”, ou “uma capitulação estrondosa do Brasil”. Outro desmentia os números: “Se verdadeiros, como explicar o otimismo e uma certa euforia que estavam cercando as negociações?” Um



A F P-17-12-87

Rhodes: conclusão em três semanas

terceiro banqueiro, europeu, porém, tinha outros números, piores ainda: “Oferecemos US\$ 4 bilhões em dinheiro vivo, e o resto deixamos por conta das instituições financeiras, como o FMI, Clube de Paris e Banco Mundial”.

Este banqueiro explicou a divergência de números: “Havia mais

de uma quantia, e não fiquei sabendo qual a que foi para o papel. O importante é que os bancos estão querendo que o Brasil use mais o seu superávit comercial. E que muitos bancos regionais, pequenos, estão contra qualquer idéia de avançar dinheiro novo”.

A fonte brasileira que confirmou ao *Estado* os números mais tarde divulgados oficialmente no Brasil também explicou que “havia algumas interpretações um pouco divergentes”, na última reunião das negociações em Nova York. “Apesar de parecer algo fácil, não é. Tem um número antes do benefício da diminuição do **spread**, e outro depois. Você pode considerar o que os bancos estão dando como uma contribuição deles ou não. Depois, temos o problema do ano passado: quais são os números, exatamente? Quanto cresceram nossas reservas? Há um número quantitativo e outro qualitativo. A coisa é muito complexa.”

Os negociadores brasileiros não queriam a divulgação de uma proposta dos credores, temendo um impacto negativo.